

A CONTRIBUIÇÃO DA CRÍTICA OSVALDIANA PARA OS ESTUDOS DA LITERATURA E DA CULTURA NO CONTEXTO LATINO AMERICANO

THE CONTRIBUTUON OF THE OSVALDIAN CRITICISM TO THE STUDIES OF LITERATURE AND CULTURA IN THE LATIN AMERICAN CONTEXT

Lourdes Kaminski ALVES⁵

RESUMO: Nas obras pós 1930, o conceito de antropofagia é retomado sob o viés do Oswald crítico, afastado dos primeiros ideais modernistas. Em seus textos são constatados aspectos de uma crítica da escritura, ou seja, um discurso crítico que se aproxima da linguagem literária, em que o autor reflete sobre as principais contribuições do modernismo brasileiro e analisa como a literatura se relaciona com a sociedade, além de discutir questões políticas e culturais que pautavam o mundo e a literatura de sua época e que aparecem de forma mimética em sua produção literária, também, pós 1930, incluindo-se aí, as peças de teatro, *O rei da vela*, *O homem e o cavalo*, *A morta* e a obra ensaística, considerada por ele, mais madura por ser capaz de apreender o atraso da cultura brasileira neutralizado pelo empenho modernista.

PALAVRAS-CHAVE: Antropofagia. Formulação crítica. Contribuição modernista.

ABSTRACT: In post-1930 works, the concept of anthropophagy is resumed under the view of the critic Oswald, distant from the early modernist ideals. His texts presents aspects of a criticism of the writing process, that is, a critical discourse that approaches the literary language, in which the author reflects on the main contributions of Brazilian Modernism and analyzes how the literature relates to society. Furthermore, he discusses political and cultural issues that guided the world and the literature of his time and that appear mimetically in his writing, post-1930 as well, including the plays *O rei da vela* (*The candle king*), *O homem e o cavalo* (*Man and horse*), *A morta* (*The dead woman*) and his essays, considered by him to be more mature for their power to apprehend the backwardness of the Brazilian culture neutralized by the modernist effort.

KEY WORDS: Anthropophagy. Critical formulation. Modernist contribution.

⁵ Doutora em Letras, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de Assis. Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Fundação Araucária.

I -

A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. [...] Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço, pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita. (ANDRADE, 1992, p. 231-232)

O texto que aqui se apresenta parte, pois, motivado pela leitura da produção escrita pós – 1930, de Oswald de Andrade, em especial, o interesse, se volta para a produção ensaística, compilada nos livros *Ponta de lança* (1945) e *Estética e política* (1954) e os textos reunidos em *A Utopia Antropofágica* (1990), a fim de refletir sobre a retomada da antropofagia empreendida por Oswald de Andrade, quase duas décadas depois do conhecido *Manifesto Antropófago* e as implicações estéticas e políticas dessas formulações. Fundamento este que pode encontrar respaldo também, na citação que abre este texto.

Considerando a comemoração dos 90 anos da Semana de Arte Moderna no Brasil, em início de 2012, e a participação engajada de Oswald de Andrade no movimento modernista, não é sem razão que verificamos uma retomada de estudos sobre a obra do autor, sobretudo, uma retomada da produção crítico-literária, pós 1930. Reconhecemos a importante contribuição oswaldina para os estudos da literatura e da cultura no contexto latino-americano, considerando-se as formulações conceituais a partir da noção de antropofagia e suas derivações: “autofagia”, “contaminação”, “práticas textuais híbridas” e “devoração crítica”,

expressões largamente empregadas pela crítica contemporânea sobre estudos literários no Brasil e na América Latina.

A ideia de antropofagia presente no *Manifesto Antropófago* (1928) carrega em si, o aspecto da ambivalência contida na devoração consciente do outro, como princípio universal, presente na origem de todo ato criativo e renovador. Nesse sentido, a noção de devoração/canibalismo pode ser verificada, tanto na produção literária, dramaturgica quanto na produção pós 1930, mais especificamente, nos textos críticos de Oswald de Andrade.

Oswald de Andrade, ao cunhar o conceito de antropofagia como estratégia para a discussão da cultura e do poder, formulou uma audaz abstração da realidade, propondo a 'reabilitação do primitivo' no homem civilizado, dando ênfase ao mau selvagem, devorador da cultura alheia transformando-a em própria, desestruturando oposições dicotômicas como colonizador/ colonizado, civilizado/ bárbaro, natureza/ tecnologia. Ao propor o canibal como sujeito transformador, social e coletivo, Oswald produz uma reescritura não só da história do Brasil, mas também da própria construção da tradição ocidental na América. (ALMEIDA, 2002, p. 12)

Tais formulações teórico-conceituais são retomadas pelo próprio Oswald de Andrade quase duas décadas após o movimento modernista nos livros *Ponta de lança* (1945) e nos textos de *Estética e Política* (1954), e colocam-se como marcos em potencial para a construção de conceitos ou de uma filosofia genuinamente brasileira a ser explorada pela crítica literária contemporânea.

Os textos reunidos em *Ponta de lança e Estética e política* mostram elementos de uma crítica da escritura, apontando para a autoconsciência formal em sua produção literária e dramaturgica. *Ponta de lança* é livro organizado pelo próprio autor, reúne artigos e conferências do período de 1943 a 1944, contexto histórico da segunda guerra mundial, quando ele tornava mais ácidas as páginas dos principais jornais com suas críticas contra o nazifascismo, o integralismo e intelectuais brasileiros.

Estética e política foi organizado por Maria Eugenia Boaventura e segue a proposta do autor modernista de agrupar artigos de jornais, palestras, conferências e outros escritos.

Em *Estética e política* encontram-se textos que vão desde as primeiras publicações divulgadas em jornais até 1954, abrangendo assuntos variados: incursões nos campos da política, cultura brasileira, crítica de arte, literatura e teatro. São textos que mostram o Oswald crítico de si mesmo, sempre em transformação, tentando em alguns momentos tornar mais claras as ideias do modernismo e suas formulações teóricas, a exemplo do próprio conceito de antropofagia, tal como bem lembra Silviano Santiago em texto de apresentação da reedição da obra de Oswald de Andrade, em 2004, pela editora Globo.

Retomando em 1940 o credo modernista, Oswald julga o par nacionalismo-cosmopolitismo, e sua interação dialética, precisa ser atualizado, e Lobato - apesar de parcialmente correto - continuava fora de sua época. Atrasou o passo em 1918 ao caracterizar a pintura europeizada de Anita Malfati como paranoica ou mistificadora; atrasa o passo em 1943 ao querer ressuscitar o Jeca em época de super-heróis nas páginas dos gibis, nas telas do cinema e principalmente nos campos de batalha. Da atualização se incumbem Oswald no longo artigo que abre a coleção, trazendo à tona não mais os valores da antiga vanguarda européia mas o que de novo surge no cosmopolitismo: a ambiguidade dos Estados Unidos. (SANTIAGO, 2004, p. 19)

De modos que *Ponta de Lança* e *Estética e Política* são obras que expressam, talvez, de forma mais contundente, o engajamento político na constituição do pensamento crítico oswaldiano e iluminam uma reflexão sobre a produção cultural brasileira na primeira metade do século XX, de forma que a antropofagia, conceito de vida calcado no primitivo proposto por Oswald, como estratégia para a discussão da cultura e do poder, formulou-se como potência no processo de abstração da realidade social.

Oswald de Andrade mantém durante o período de sua militância político-partidária, quando escreveu seus textos de teatro e boa parte de seus ensaios, o

estilo de ação do movimento antropofágico que ele abjurou no segundo prefácio de *Serafim Ponte Grande* (1933), o que significa uma retomada crítica do movimento, característica do pensamento dialético oswaldiano que também se observa nos textos “A crise da filosofia messiânica” (1950), “Um aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: o homem cordial” (1950), “A Marcha das Utopias” (1953) e segue em outros textos, a exemplo de “O caminho percorrido”, conferência pronunciada em Belo Horizonte, texto compilado em *Ponta de lança*, em que Oswald trata de forma crítica, a trajetória do Modernismo e sua participação no movimento.

Nas obras pós 1930, o conceito de antropofagia é retomado sob o viés do Oswald crítico, afastado dos primeiros ideais modernistas. Em seus textos são constatados aspectos de uma crítica da escritura, ou seja, um discurso crítico que se aproxima da linguagem literária, em que o autor reflete sobre as principais contribuições do modernismo brasileiro e analisa como a literatura se relaciona com a sociedade, além de discutir questões políticas e culturais que pautavam o mundo e a literatura de sua época e que aparecem de forma mimética em sua produção literária, também, pós 1930, incluindo-se aí, as peças de teatro, *O rei da vela*, *O homem e o cavalo*, *A morta* e a obra ensaística, considerada por ele, mais madura por ser capaz de apreender o atraso da cultura brasileira neutralizado pelo empenho modernista.

A antropofagia, tornada o princípio básico do Modernismo brasileiro, é também a força poética que sustenta a dramaturgia de Oswald. Suas peças apresentam uma linguagem intertextual e híbrida ancoradas em diferentes fundamentos – mitos, clássicos literários, personalidades históricas, textos jornalísticos, manifestos das vanguardas literárias, entre outros gêneros textuais – tudo num processo de assimilação e recriação conscientemente crítico.

Na produção literária, dramaturgica e ensaística oswaldiana observam-se estratégias estruturantes do discurso, da cena e do papel das personagens, que se

desdobram funcionalmente, ao assumirem também os papéis de autor textual, crítico de seu próprio discurso e personagem da história que representam.

Pode-se dizer que a peça *O rei da vela* coloca em jogo um programa de descontinuidade, negação e descentralização do teatro, através do despojamento da “aura” de objeto único que circundava a concepção tradicional. Essa “aura” que apresenta o teatro como produto de entretenimento é posta em xeque pelo efeito de distanciamento e recursos do metateatro. O terceiro ato de *O rei da vela* configura o ápice da ruptura da ilusão teatral. Abelardo I fala diretamente com os espectadores e os convida a assistirem à peça, oferece o revólver ao ponto trazendo um trabalhador dos bastidores do teatro para cena. Assim, a personagem se torna encenador e diretor de sua própria cena, além de personagem; recurso que transforma o Ponto em personagem da cena ao modo do metateatro. Observa-se, ainda, o efeito de alienação em *O rei da vela*. Anatol Rosenfeld ao abordar sobre esse aspecto, característico do teatro brechtiniano ressalta que: “o choque alienador é suscitado pela omissão sarcástica de toda uma série de elos lógicos, fato que leva à confrontação de situações aparentemente desconexas e mesmo absurdas” (ROSENFELD, 1998, p. 73). Caberia então ao leitor/platéia estabelecer o nexos.

O homem na peça *O rei da vela* é posto no palco para ser observado, pelo efeito do distanciamento como processo histórico, capaz de colocar em tensão as relações históricas e sociais, tempo, espaço, visão de mundo. No palco está a teatralidade do real numa perspectiva dialética da representação teatral e da representação histórica. As contradições da sociedade brasileira da época aparecem metaforizadas na peça, demonstrando todo potencial de modernidade nela contido.

Tal como na poesia “pau-brasil” ou nas *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), Oswald trabalha em seus textos de teatro com a ressignificação de códigos, utilizando-os em um novo contexto, fazendo transparecer o sentido paródico de contextos sociais, políticos, culturais, religiosos e artísticos conhecidos do leitor/platéia, de forma crítica e devoradora. Tanto na escrita criativa, quanto na

escrita crítica oswaldiana transparecem aspectos do contexto social, cultural e histórico, traduzidos de forma irônica pelo autor.

A prática de uma escritura oswaldiana produz uma reescritura não só da história do modernismo no Brasil, mas, sobretudo, de questões afetas à escritura literária e às ideias de gênero, tradição, modernidade, escritor/intelectual e leitor na América Latina.

Na escritura de Oswald está a consciência do mundo no deslocamento por diferentes tempos e lugares. No cosmopolitismo oswaldiano presentifica-se a metáfora da devoração, mas também o exercício crítico e auto-analítico, observável em seus textos, tal como aparece no conhecido *Manifesto Antropófago*, publicado na *Revista de antropofagia*, Ano I, nº I, maio de 1928, “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”. (ANDRADE, 1990a, p. 47), ou no primeiro Prefácio de *Serafim Ponte Grande* (1933), (publicado a 30 de novembro de 1926, no sexto número da *Revista do Brasil*), quando se declara interessado no exercício da crítica: “A obra de ficção em minha vida corresponde a horas livres em que, estabelecido o caos criador, minhas teorias se exercitam com pleno controle”.

Oswald expõe a consciência do processo de estilização que transpõe os fatos vividos para o plano literário. Um exemplo é a afirmação do autor no segundo prefácio que escreveu para *Serafim Ponte Grande* ao tratar do conteúdo do romance: “Epitáfio do que fui” (ANDRADE, 1996, p. 39).

Oswald coloca em cena o conflito com os modelos políticos e culturais europeus e assume os riscos, por assim dizer de uma prática antropofágica, como aparece no livro de memórias *Um homem sem profissão*: “mesmo as coisas espantosas nunca me espantaram. Encaixo tudo, somo, incorporo ...”. (ANDRADE, 2002, p, 61).

As ideias apresentadas no *Manifesto Antropófago* em 1928 são retomadas num exercício autofágico e destruidor na produção ensaística pós-1930, basta que

se analisem o texto do segundo prefácio de *Serafim Ponte Grande* e os escritos reunidos em *A utopia Antropofágica*.

Na visão de Augusto de Campos (1983), o *Manifesto Antropófago* se apresenta como “a única filosofia original brasileira”:

Com a ‘Antropofagia’ de Oswald de Andrade, nos anos 20 (retomada depois, em termos de cosmovisão filosófico-existencial, nos anos 50, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*), tivemos um sentido agudo da necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialético com o universal. [...] Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação: melhor ainda uma ‘transvaloração’: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de uma de apropriação como de desapropriação, desierarquização, desconstrução. (CAMPOS, 1983, p. 109)

Torna-se assim, texto referencial para análise da cultural e identitária brasileira, uma vez que, a ideia de antropofagia está associada ao signo da divergência e da diferença, colocando-se como uma poética de transformação e, sobretudo, como um novo modo de percepção de nossa realidade.

A poética antropofágica expressa o desejo de reelaboração dos materiais encontrados na cultura e o desapego às formas tradicionais de arte, fazendo emergir uma linguagem artística ancorada na sátira, na paródia, na descontextualização criativa, na estética da colagem, na aproximação entre elementos distantes e ou díspares e no humor.

Estes elementos estilísticos apontados como procedimentos próprios da linguagem literária da contemporaneidade são anunciados e mesmo praticados por Oswald de Andrade numa poética antropofágica e num processo de devoração crítica consciente, na perspectiva apontada por Hutcheon (1991), quando esta se refere a uma poética de reavaliação do passado na perspectiva da paródia irônica.

Ao refletir sobre esta formulação, quase duas décadas depois da publicação do *Manifesto Antropófago*, Oswald, ao argumentar sobre a “Moderna

Posição da Antropofagia”, texto publicado em *Estética e Política*, observa que a antropofagia consistiria em uma forma de enfrentamento aos esquemas de opressão presentes na sociedade de classes.

[n]a moral de escravos se forjaria a técnica e se desenvolveriam as forças produtivas da sociedade e, por oposição, suas forças libertárias. Hegel, no que tem de excelente, dizia que a contradição existe na raiz do próprio movimento. Vida é contradição, vida é conflito. E, na formulação dos atuais temas da Antropofagia, é a dialética o seu maior instrumento. (ANDRADE, 1991, p. 103)

Compreendemos o alcance dos Manifestos como parte da atividade intelectual do autor cujo pensamento crítico reforça o papel que o escritor, poeta, romancista e ensaísta desempenhou no Modernismo, sobretudo, quando nos voltamos para seus escritos pós-modernistas em que a opção política do autor em 1930, pode ser explicada.

O divisor de águas político do Modernismo passa justamente às vésperas da Revolução de 1930, no auge de uma crise, pela tendência utópica da Antropofagia. Essa tendência, que logo após descerrou a Oswald o caminho do engajamento político à esquerda, tanto quanto o empenho conservador conduziu o movimento *Verdamarelo* pela direita, levou-o a uma compreensão da História absorvida na pré-história, pelo que diz respeito ao passado, e dirigida a uma transitória, pelo que diz respeito ao futuro.

II-

O exercício da interpretação crítica na produção ensaística denota o esforço intelectual do autor ao refletir sobre as ideias modernistas que contribuíram para mudanças socioculturais do país.

Ao dedicar-se a uma produção mais ensaística, pós1930, Oswald concilia a intenção artística e a vontade de pensar os diversos problemas da cultura e da

sociedade brasileira. Os textos editados e compilados nas obras póstumas *A utopia antropofágica* (1990), *Ponta de lança* (1945) e *Estética e Política* (1954) expõem a reflexão crítica de Oswald sobre a evolução do conceito de Antropofagia, observando em que medida esse conceito se mantém fiel ou se modifica em relação à sua concepção a partir do Manifesto Antropófago, buscando depreender as possíveis causas e sentidos de sua transformação.

Na conferência denominada “O caminho percorrido”, Oswald faz um resgate do que foi o movimento modernista de 22 e menciona qual teria sido a sua contribuição para a literatura brasileira. Segundo Oswald, o que se pode resgatar desse primeiro momento seria o desenvolvimento do pensamento antropofágico, sendo este o “ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política” (ANDRADE, 2004, p. 166), que orientou os caminhos futuros, como o resgate do povo enquanto herói do romance nacional a partir do Romance Regionalista de 30.

Nessa mesma conferência, após refletir sobre a caminhada do Modernismo, Oswald procura observar, a partir desse percurso, qual seria o papel do intelectual para a sociedade brasileira. Nesse sentido, Oswald menciona que:

É preciso [...] que saibamos ocupar nosso lugar na história contemporânea. Num mundo que se dividiu num combate só, não há lugar para neutros e anfíbios. Já se foi o tempo em que, sorrindo dos que lutavam sem tréguas e muitas vezes sem esperança, os estetas se divertiam dizendo aos católicos que eram comunistas e a estes que eram católicos. O papel do intelectual e do artista é tão importante hoje como o do guerreiro de primeira linha (ANDRADE, 2004, p. 172)

Segundo o autor, cabe ao intelectual, ao artista o cargo de guia social, pois para se compreender os problemas de cada época seria necessário um distanciamento crítico que o povo não estaria tal condições para fazê-lo.

É por meio do ensaísmo, a partir dos anos 30 até o final de sua vida, que Oswald reflete sobre a trajetória de sua própria escritura, passando a desenvolver uma obra auto reflexiva, agora, de caráter autofágico. Ser crítico sobre sua própria

obra significa reconhecer nela seu caráter inacabado, pois “a atividade poética, a ‘inspiração’ manifesta a própria realidade como inacabada” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 81).

No texto "O caminho percorrido", conferência publicada no livro *Ponta de Lança*, ao refletir sobre o movimento modernista demonstra a maturidade do crítico.

É preciso compreender o modernismo com suas causas materiais e fecundantes, hauridas no parque industrial de São Paulo, com seus compromissos de classe no período áureo-burguês do primeiro café valorizado, enfim, com o seu lancinante divisor das águas que foi a Antropofagia nos prenúncios do abalo mundial de Wall Street. (ANDRADE 2004, p. 165)

O discurso crítico de Oswald em *Estética e política* revela as diretrizes básicas de seu pensamento no campo das artes, da política e da história do país.

[...] a nossa modernidade começou no *Jeca Tatu* de Lobato. Aí havia duas cousas evidentemente novas - o tema e a expressão -, o homem vítima da terra e a escrita nova. Qualquer estética vos dirá que nada se produz em literatura ou arte sem alguns elementos essenciais: o impulso, a técnica, a expressão, a crítica. Faltava a Monteiro Lobato a técnica atual que vinha através das sugestões da modernidade (o rádio, o cinema, o jazz) abolir a literatura explicativa. Faltava-lhe também a crítica, antes sobrava-lhe o mofo em que se consolidara a sua formação de bacharel. Eis aí o paradoxo. Ele, que produz o primeiro estilo novo sobre o tema novo do brasileiro, é quem ataca e quase destrói a primeira manifestação de arte moderna que tivemos com Anita Malfatti, na sua exposição do ano de 17. (ANDRADE, 1991, p. 89)

No texto "Informe sobre o Modernismo" Oswald reflete sobre o clima cultural do pré-modernismo e recupera a participação de Monteiro Lobato na afirmação da nossa modernidade, reconhece a contribuição de *Jeca Tatu* para a

inserção de tema e expressão novos. Lamenta, contudo, que Lobato não tivesse adquirido a técnica e a crítica.

Na produção ensaística, Oswald propõe o debate sobre transformações sociais e culturais da primeira metade do século XX, no país. Nesse sentido, a escritura oswaldiana contém elementos de uma crítica da escritura, pois contempla o exercício da interpretação crítica enquanto arte e aponta novos caminhos para o desenvolvimento da literatura e das artes no país. Em comunicação para o “Encontro de Intelectuais”, realizado no Rio de Janeiro em 1954, e lida por Di Cavalcanti durante o evento, ele expressa os rumos que deveriam tomar as proposições sobre o espírito antropofágico nas discussões sobre cultura na América Latina.

A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. [...] Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita. (ANDRADE, 1991, p. 231-232)

O conceito de antropofagia proposto por Oswald de Andrade mostra-se como projeto em devir, a ser concretizado por seus predecessores, que buscaram novas perspectivas para a interpretação das produções culturais no contexto latino-americano.

Essas considerações nos permitem refletir sobre o diálogo contemporâneo que tanto a crítica literária quanto a narrativa de ficção mantêm com a proposta oswaldiana da devoração crítica. Conforme argumenta Silviano Santiago:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu

templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Considera-se, pois, o movimento antropofágico proposto no Brasil do modernismo como ponto de partida para uma produção literária e ensaística pós-colonial autônoma, capaz de realizar “a devoração das contribuições culturais europeias [...] transformá-las em outra coisa: uma cultura brasileira renovada [...]” (BERND, 2003, p. 43). Zilá Bernd lembra que o projeto Modernista, mais maduro e politizado, concebe a identidade nacional no sentido de sua dessacralização.

Para Candido (1977), a linguagem oswaldiana é marcada pela devoração e pela mobilidade, aspectos importantes da antropofagia cultural e fundamentais para formulações teóricas no campo dos estudos comparados na América Latina, como aponta Leyla Perrone-Moisés em capítulo de *Flores da escrivantina* (1990), denominado “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”, estudo que aborda sobre propostas teóricas do século XX e que permitem segundo Perrone-Moisés, um olhar para a transformação dos estudos comparatistas, modificando profundamente seus pressupostos e seus objetivos, entre as propostas elencadas pela autora está à ideia de antropofagia cultural de Oswald de Andrade.

Também, nessa direção, citamos os estudos de Silviano Santiago, em especial, o texto denominado "O entre-lugar do discurso latino-americano", que abre as reflexões do livro *Uma Literatura nos Trópicos* (2000), texto em que Silviano reflete sobre o papel do escritor contemporâneo no espaço da produção literária latino-americana, enquanto assimiladora de modelos originais importados, construída entre a admiração ao “já-escrito” e a necessidade de produzir um novo texto, transgressor numa atitude descolonizadora.

Assim, igualmente, Gilberto Mendonça Teles (2009) lembra que na produção literária oswaldiana, sobretudo, nos manifestos está presente o apelo feito por Breton no *Segundo Manifesto do Surrealismo* (1930), quando este trata da posição política do Surrealismo, convocando os escritores a agirem como

intelectuais. “Tudo está por fazer, todos os meios devem ser bons para arruinar as ideias de família, de pátria, de religião. [...]. Combatemos sob todas as formas a indiferença poética, a distração da arte, a investigação erudita, a especulação pura, não queremos ter nada de comum com os pequenos nem com os grandes poupadores de espíritos” (TELES, 2009, p. 274).

A crítica de Oswald de Andrade abre caminho para uma crítica de interpretação, uma crítica de escritor, que se mantém bem próxima do ato de criação e ao retomar sua obra e a de outros autores, revisa seus próprios conceitos, aprimorando-os e esboçando um projeto estético e ideológico.

Leyla Perrone-Moisés (2005) reflete sobre o potencial que a crítica dos escritores tem em aproximar os leitores de sua obra e da obra de seus contemporâneos. De acordo com esta autora, no lugar da crítica academicista, a crítica da escritura (dos escritores) alcançaria o leitor de forma plena pelo teor poético, mais próxima da filosofia e da própria literatura. Esta proposição retoma Maurice Blanchot (1987), quando este argumenta que tal crítica estaria ligada à busca da possibilidade da experiência literária, representaria o sentido pelo qual a experiência literária se constitui no experimento e na contestação.

Neste sentido, a crítica de Oswald de Andrade não sendo uma crítica universitária, abre caminho para uma crítica de interpretação. É também uma crítica de escritor, que se mantém bem próxima do ato de criação e ao retomar a sua obra e a de outros autores, revisa seus próprios conceitos, aprimorando-os e esboçando o próprio projeto estético e ideológico. Assim, “a crítica dos escritores não visa simplesmente auxiliar e orientar o leitor [...], mas visa principalmente estabelecer critérios para nortear uma ação: sua própria escrita, presente e imediatamente futura. Neste sentido, é uma crítica que confirma e cria valores” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p.11).

Por esta perspectiva, a produção literária, dramaturgica e ensaística de Oswald de Andrade, pós 1930, ainda requer estudos, na medida em que a obra oswaldiana abre caminhos para gerações posteriores de escritores e intelectuais que

realizam um exercício crítico sobre a própria obra. Tal prática, já recorrente entre muitos escritores, no contexto da produção contemporânea latino-americana, se aproxima do processo da criação poética e ao mesmo tempo apresenta no processo de escritura aspectos próprios do gênero da escrita autobiográfica, plural e híbrida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos ensaios produzidos por escritores latino americanos, na contemporaneidade, desenham-se como mapas literários nômades que abandonam o localismo e dialogam com processos dinâmicos de resignificação cultural, desestabilizando pressupostos positivos de uma identidade latino-americana, dialogando com e a partir de Oswald de Andrade, escritores abordam o tema e refletem criticamente sobre as condições de possibilidade da literatura latino americana no contexto de processos culturais globalizadores que desestabilizam a demarcação de fronteiras e suas referências identitárias.

A forma do ensaio como espaço para o desenvolvimento de uma escrita crítica e criativa não é nova, contudo, em um passado nem tanto distante, os estudos literários relegavam o ensaio a um papel menor, muitas vezes considerado como texto não-literário. Na produção literária latino americana contemporânea, a forma ensaísta tem se demonstrado como uma vigorosa estratégia para pensar e para criar, sendo reconhecida entre críticos literários contemporâneos como gênero literário híbrido, considerando-se que muitos escritores encontram no ensaio um lugar para a autobiografia, para memórias, para o ato criativo e reflexivo.

Oswald mostra em *Ponta de lança e Estética e política* elementos próprios de uma crítica da escritura que apontam para a autoconsciência formal do autor.

Acreditamos na importância da retomada dos estudos da obra de Oswald de Andrade, considerando a contribuição da antropofagia oswaldiana na renovação

de gêneros, formas e *modus operandi* da produção literária, ensaística e dramaturgica brasileira.

Como todo escritor – crítico, Oswald não dissocia a escrita literária de uma prática reflexiva sobre ela, virtude que, somada a um espírito satírico, idiossincrático e polêmico, fazem do pensamento literário, ensaístico e teatral do autor um campo fértil para a pesquisa acadêmica.

Estudos desenvolvidos sobre a produção crítica de Oswald de Andrade apontam para a necessidade de continuidade, considerando-se a vasta produção do autor, ainda pouco estudada e o diálogo que autor instaura para além do contexto do Modernismo Brasileiro, sobretudo no que se refere ao escritor como crítico, função que aparecerá na produção oswaldiana pós 1930, logo depois de sua produção teatral, contudo, pouco conhecida e de significativo valor estético, histórico e memorialístico na contemporaneidade.

Evidencia-se a potencialidade do conceito de antropofagia cultural para a crítica latino-americana contemporânea, a exemplo de derivações do conceito como práticas textuais híbridas, transferências culturais, autofagia, contaminação, devoração crítica, entre – lugar e outras formulações observadas em autores como Haroldo de Campos, Silviano Santiago, Zilá Bernd, Leyla Perrone – Moises, apenas para se pensar em um conjunto. Oswald abre caminhos para a construção de importantes formulações teóricas e críticas ao eleger o ensaio como forma, lugar de interferência, entre as impressões subjetivas e os domínios positivos do saber. O ensaio favorece o exercício de uma crítica cultural que questiona a ordem do conhecimento e das formas discursivas de sua transmissão, reativando os conflitos e debates culturais sob a perspectiva particular de cada escritor.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.
- _____. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *Poesia Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003.
- _____. *A morta*. São Paulo: Globo, 1995.
- _____. *O homem e o cavalo*. São Paulo: Globo, 1990.
- _____. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 2003.
- _____. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. *Um homem sem profissão*. São Paulo: Globo, 2002.
- _____. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996.
- _____. *Estética e política*. Organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1991.
- ALMEIDA, F. M. C. “Só a antropofagia nos une”. In: MATO, Daniel (coord.). *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en Cultura y Poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2002, pp. 121-132. Disponível em <<http://globalcult.org.ve/pdf/Ferreira.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2011.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.
- _____. (Org.). *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: *Boletim bibliográfico*, Biblioteca Mário de Andrade, v.44, janeiro./dezembro, São Paulo, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- SANTIAGO, Silviano. Sobre plataformas e testamentos. In: ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 2004. (Apresentação).

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: _____. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro – apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 19.ed. rev. e amp. Petrópolis: Vozes, 2009.

FONTES:

Centro de documentação cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) da Unicamp.

- Fundo Oswald de Andrade.

Centro de documentação da Funarte

- Pasta Oswald de Andrade

- Pasta O Rei da Vela

Klaxon, mensário de arte moderna. Introdução de Mário da Silva Brito. “Escolas e ideias”. São Paulo: Livraria Martins Editora/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976 (edição fac-símile).

REVISTA DE ANTROPOFAGIA (1928-1929). "Revista de Antropofagia" (1928-1929) na *Brasiliana* USP: 26 números. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/438>. Acesso em 10 de fevereiro de 2012.

Recebido em 29/04/2016.

Aceito em 25/05/2016.